

# Cacá Diegues, cinemanovista até o fim



LILIA LUSTOSA  
Historiadora e crítica de cinema.  
Doutora em história e estética  
do cinema pela Universidade de  
Lausanne, Suíça

É uma sensação muito estranha a de perceber que os personagens que nos acompanharam por tantos anos vão aos poucos desaparecendo de nossas vidas. Hoje, o grande mestre do cinema Cacá Diegues nos deixou. Ficou um vazio no cinema brasileiro, ficou um vazio em mim.

Ele, que não só foi o responsável por colocar no mundo filmes extraordinários, como *Xica da Silva*, *Dias melhores virão*, *Orfeu* e tantos outros, mas que acabou se tornando peça importantíssima na minha vida, uma vez que foi um dos protagonistas da minha tese de doutorado. Nela, tentei explicar (e acho que consegui) como se deu o surgimento do Cinema Novo, maior movimento cinematográfico da história do nosso cinema, a partir de um viés intelectual e político. E para abrir meu longo texto, escolhi uma frase escrita justamente por Cacá Diegues, que me pareceu a mais precisa, criativa e divertida: “Não ocorre a ninguém pensar que, certa noite, Leonardo, Rafael e Michelangelo tenham se encontrado numa taverna da Toscana e decidido lançar um movimento artístico, a que alguém de passagem sugeriu chamar de Renascimento. Mas foi assim que nasceu o Cinema Novo”.

Essa frase foi extraída de um de meus companheiros constantes de tese, o livro *Vida de*

cinema — antes, durante e depois do Cinema Novo, publicado por Cacá em 2014. No entanto, como uma típica doutoranda, não me contentei só com o livro e escrevi para o mestre para perguntar-lhe sobre o filme *Arraial do Cabo* (1959), de Mário Carneiro e Paulo César Saraceni, que era um dos meus objetos de estudo. Qual não foi minha surpresa, quando recebo uma resposta com uma foto da sua primeira crítica cinematográfica generosamente anexada.

O artigo tinha o título *O cinema do Arraial do Cabo* e foi publicado na revista *Arquitetura* em outubro de 1961. Lá, o jovem Carlos Diegues analisava o curta-metragem carioca e exaltava a nova fase do cinema brasileiro. Além do artigo, ele me garantiu que eles, os cinemanovistas, sabiam àquela época que *Arraial* seria uma das primeiras bandeiras do Cinema Novo. Colocou-se à disposição para o que fosse necessário. Eu, claro, aproveitei! Descobri, então, por ele, que o outro filme sobre o qual eu pesquisava, *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha, era figurinha fácil e obrigatória no circuito dos cineclubes. Fiquei encantada por tanta generosidade.

Cacá Diegues começou sua vida participando do cineclubes da PUC-RJ e logo se envolveu com os movimentos estudantis, ingressando no Centro Popular de Cultura (CPC), ligado à União Metropolitana dos Estudantes (UME). Realizou seu primeiro filme em 1961, junto com seu amigo cinemanovista David Neves. O curta se chamava *Domingo* e foi filmado em 16mm, financiado pelo Departamento de Produção da GEC — UME. Naquela época, do alto dos seus 21 anos, Cacá — que ainda assinava Carlos — já era um crítico cativo do jornal *O Metropolitano*, derramando, por ali, sua visão renovada e esperançosa.

O primeiro filme profissional foi parido ali mesmo no seio do CPC, em 1962, *Escola de samba Alegria de Viver*. Um curta-metragem que fazia parte do longa *Cinco vezes favela*, filme emblemático dos primeiros tempos do Cinema Novo. Em 1964, o já não tão inexperiente cineasta cruzou o oceano, e foi apresentar seu belíssimo *Ganga Zumba* no Festival de Cannes, junto com *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha. Que ano foi aquele! Golpe de Estado acontecendo aqui e a legitimação do Cinema Novo acontecendo lá com a exibição de três filmes brasileiros em um dos mais festivais de maior prestígio no mundo.

Aos poucos, Cacá foi amadurecendo como crítico e cineasta, tornando-se um dos expoentes não apenas do Cinema Novo, mas do cinema brasileiro “tout court”. Em 1978, porém, devidamente legitimado e respeitado no universo cinematográfico, viu-se muito cerceado em suas criações e criticado por não seguir à risca a doutrina da esquerda. Cunhou então o termo “patrulha ideológica” para designar o exagero — quase censura — que alguns jornalistas ligados ao PCB (até então clandestino naquele momento) estavam exercendo em várias áreas da cultura. A missão desses formadores de opinião era, para ele, a de desqualificar qualquer produto cultural que não estivesse alinhado politicamente aos seus pensamentos. O que, para ele, era um descabro, uma vez que sempre batalhou pela liberdade e pela democracia, como todo cinemanovista que se preza.

Cacá Diegues, mestre, ídolo e nosso grande cineasta e pensador, vá em paz e leve seu brado de liberdade para onde você for.



## A representatividade de mulheres negras na área de tecnologia e inovação



» TAMIRES BORGES  
Advogada e secretária-geral da  
Associação Obinrin Badu

As mulheres negras estão entre os piores índices no que diz respeito a tecnologia e inovação no Brasil, atualmente. A PretaLab — plataforma de mapeamento de mulheres negras e indígenas na tecnologia — em sua última pesquisa, constatou que de 1.427 profissionais da área: 69% são de pessoas auto-declaradas pretas e 21%, são pardas. No mesmo estudo, os dados revelam que 11% das mulheres negras no Brasil trabalham em empresas de tecnologia e apenas 3% das mulheres negras estão matriculadas em cursos de pós-graduação na área de tecnologia.

A pesquisa demonstra que as mulheres negras enfrentam grandes desafios para se inserir e permanecer no mercado de trabalho de tecnologia e lidam, por exemplo, com a sub-representação em cursos da área, falta de diversidade de gênero e discriminação de gênero, de sexualidade, classe social, xenofobia e raça. É nítido que o acesso das mulheres negras ao mercado de tecnologia é mínimo, o que dificulta e impossibilita a criação de invenções por mulheres negras.

É importante mencionar que quando as mulheres negras têm a oportunidade construir invenções, elas conseguem atingir resultados inimagináveis e que contribuem bastante para a nossa sociedade, como tivemos a honra de

presenciar. Entre as diversas mulheres negras que contribuíram com o avanço da nossa tecnologia, com invenções incríveis e que deixaram um legado para a ciência e para a sociedade, podemos mencionar Shirley Ann Jackson, que, além de ser a primeira mulher negra a conquistar seu Phd, foi a responsável pelo desenvolvimento de uma pesquisa que deu origem às telecomunicações. E a partir das descobertas da pesquisadora o fax portátil, o telefone de toques e cabos de fibra óptica puderam ser criados.

Outra contribuição bastante considerável para a sociedade foi a tecnologia 3D, criada por Valerie Thomas, física e analista de dados da Nasa. Ela inventou o aparelho transmissor de ilusão, um dispositivo que cria, transmite e recebe imagens em três dimensões (3D) de um objeto em tempo real. Essa é uma tecnologia, hoje, utilizada tanto na agência espacial, quanto em salas cirúrgicas, no desenvolvimento de aparelhos de televisão e nos cinemas, por exemplo.

O tubo de alimentação que fornece pequenas porções de comida a um paciente em seu próprio ritmo, permitindo que o enfermo morda o tubo para solicitar outra porção, é utilizado hoje em hospitais. Ele foi criado pela fisioterapeuta Bessie Blount Griffin. Outra prova de que uma mulher negra pode, sim, inventar algo para benefício de toda a humanidade.

Falando novamente de Shirley Jackson, pesquisadora, primeira negra a obter um doutorado no Massachusetts Institute of Technology (MIT), foi a criadora do identificador de chamadas, uma invenção que possibilita receber ligações e poder avaliar se rejeitamos. Incrível, não é?

Esses legados comprovam que, quando as mulheres negras conquistam oportunidade

de ascender na área da tecnologia, elas mostram que têm potencial e impulsionam ainda mais as criações no Brasil. Como diz a professora de estudos afro-americanos da Universidade de Princeton, Ruha Benjamin, ao afirmar: “Nós não queremos consertar um sistema quebrado, queremos reimaginar completamente o sistema. E quando eu digo reimaginar, estou falando de forma literal, empregando ferramentas criativas para irmos contra o status quo sexista e racista”.

Precisamos de mudanças que possibilitem as mulheres pretas produzirem invenções tão importantes quanto as que temos hoje, cujas autoras nem sequer tivemos a oportunidade de nominar neste artigo. Elas merecem ser conhecidas como as criadoras de escova de cabelo, babylliss, GIFs, tratamento de catarata, tábua de passar roupa, aquecedor central, entre outros mais que, muitas vezes, nem sabemos. Esse apagamento pode acontecer pelo fato de um homem ter levado os créditos ou por causa do machismo e do sexismo que ainda estão embutidos em nossa sociedade.

Assim, não podemos deixar que as mulheres negras sejam limitadas em suas trajetórias e potenciais, mas, sim, incentivar e possibilitar que tenham meios para produzir suas invenções. É necessário que sejam empregadas ferramentas criativas para que possam ir contra as discriminações sexista e racista, além de aparatos, como políticas públicas e privadas, que possam ensinar tais oportunidades. Hoje, o nosso objetivo é que mais mulheres negras possam tanto assumir mais espaços de liderança na área de tecnologia, quanto em outros grupos e equipes de tecnologia e inovação. O mundo tem muito a ganhar!

## O fim do PSDB



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) governou o Brasil por dois mandatos consecutivos, nos governos Fernando Henrique Cardoso. Governou o estado de São Paulo por mais de 28 anos e, nos dois longos momentos, teve influência direta sobre a história do país. Ao longo do mandato presidencial tucano, o crescimento da economia brasileira foi de 2,3% ao ano. Ocorreram inúmeras privatizações que precederam a modernização de diversos setores antes controlados pelo Estado, como as telecomunicações. Ninguém imagina que o PT tivesse a capacidade de privatizar o imenso e rico setor de telecomunicações e colocar o sistema de telefones celulares em pleno funcionamento no país.

No governo, FHC terminou com a hiperinflação (que, antes de seu governo, chegou a alcançar de 1.000% ao ano). Acabou a loucura de os preços aumentarem todos os dias. Houve a criação de programas sociais pioneiros, como o Bolsa-Escola, o Auxílio-Gás e o Bolsa-Alimentação (posteriormente unidos em um só programa, o Bolsa Família, pelo governo Lula), além do início da reforma do Estado, com a implantação de Agências Reguladoras, do Ministério da Defesa, da Advocacia-Geral da União (AGU) e da Controladoria Geral da União (CGU). A implantação da Lei de Responsabilidade Fiscal foi um marco na regulação do uso de verbas públicas em todos os níveis administrativos do país.

Neste período, também, ocorreu uma enorme e profunda reforma na educação brasileira. Foi criado o sistema de vestibular para todo o país. Melhorada a fiscalização das instituições de ensino superior e permanente preocupação com o aumento da taxa de alfabetização. O governo obteve notável resultado, também, com a criação dos remédios chamados genéricos, que não utilizam a marca de fantasia do produto.

Com isso, os remédios ficaram muito mais baratos de um dia para o outro. A vida do pobre se facilitou muito. Por último, houve significativo avanço na área de petróleo, a Petrobras voltou a ser autônoma e o governo vendeu vários de seus ativos, dispendiosos e deficitários.

Na política internacional, o país transitou bem porque o presidente Fernando Henrique, um scholar, fluente em inglês, francês e espanhol, gostava de fazer viagens, conversar e trocar ideias com líderes de outros países. Desenvolveu uma amizade próxima com Bill Clinton, então presidente dos Estados Unidos. Foi convidado e aceitou desfrutar de um fim de semana em Camp David, casa de campo do presidente dos Estados Unidos. Em momento grave, o governo de Washington auxiliou o Brasil na obtenção de empréstimos para consolidar o plano real e manter o país com capacidade de quitar suas dívidas. Foi um período tranquilo de baixa inflação, crescimento razoável e tranquilidade política, ressaltados os escândalos provocados pela militância do PT, que criou o famoso “Fora FHC”, sem maiores consequências, além das retóricas.

Depois do PSDB, entrou em cartaz o governo Dilma Rousseff que governou o país por quase dois mandatos. Foi interrompido pelo impeachment. A inflação, no período, disparou, o crescimento da economia caiu, e a administração não conseguiu avançar em nenhum setor. Estacionou nos discursos ideológicos e não construiu nada substancial para a sociedade. Foi um tempo perdido, mas de fortes emoções políticas. Até que a presidente, depois de um patético discurso no Senado Federal, teve seu mandato interrompido. Até hoje o PT tenta criar a narrativa de que houve um golpe parlamentar. Mas o processo correu no Congresso Nacional, com amplo direito de defesa, presidido pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, nomeado pelo presidente Lula para compor a mais alta corte de justiça brasileira. Hoje, ele é ministro da Justiça do atual governo.

Historiadores tentam explicar como os impérios acabam, países terminam e civilizações naufragam. As explicações são diversas. Edward Gibbon, por exemplo, diz em seu monumental “Declínio e queda do Império Romano”, que o fenômeno do fim de Roma, decorreu de vários motivos, entre eles, o triunfo da barbárie e da religião, algo semelhante ao que ocorreu no Brasil nos últimos anos. No futuro, alguém vai estudar como o grupo de políticos qualificados, que ousaram romper com o poderoso PMDB de Orestes Quêrcia, colocaram o país no rumo da social-democracia europeia, mas não conseguiram fazer sua mensagem chegar a maioria dos brasileiros. O partido perdeu o poder por não saber dialogar com a história, as tradições e as características dos brasileiros. O PSDB caminha para se aninhar no ninho do PSD, ainda neste semestre. E aí se dissolve. Vai perder o pouco que lhe resta de originalidade. O sonho social-democrata terminou cedo no mundo latino-americano.